



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**Faculdade de Educação**

**MEIGUE ALVES DOS SANTOS**

**Que som é esse? Reflexões sobre música, corpo e  
movimento na educação infantil**

CAMPINAS  
2019

MEIGUE ALVES DOS SANTOS

**Que som é esse? Reflexões sobre música, corpo e movimento na educação infantil**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Especialização em Educação de Crianças e Pedagogia da Infância, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Del Ponte de Assis

CAMPINAS  
2019

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Sa59q Santos, Meigue Alves dos, 1975-  
Que som é esse? Reflexões sobre música, corpo e movimento na educação infantil / Meigue Alves dos Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Marília Del Ponte de Assis.  
Coorientador: Eliana Ayoub.  
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Musicalização. 2. Corpo. 3. Som. 4. Movimento. 5. Educação. I. Assis, Marília Del Ponte de, 1985-. II. Ayoub, Eliana, 1966-. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** Whats sound is this? Reflections on music, body and movement in early childhood education.

**Palavras-chave em inglês:**

Musicalization

Body

Sound

Movement

Education

**Área de concentração:** Educação

**Titulação:** Especialista

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 21-11-2019

*Dedico esse trabalho às crianças  
protagonistas colaboradoras das  
vivências realizadas.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por me ajudar a realizar esse trabalho, e pelas muitas oportunidades que me apresentou em todo o percurso.

À minha orientadora Profa. Dra. Marília Del Ponte de Assis, à colega Kelynn Midori Alves e à segunda leitora Profa. Dra. Eliana Ayoub, que acreditaram em mim, o meu agradecimento pelo incentivo, pela confiança e generosidade com que trataram meus singelos escritos. Suas palavras sábias e fortalecedoras contribuíram e acrescentaram aos meus conhecimentos novos saberes e, sobretudo, trouxeram novas perspectivas e modos de pensar a mim, como professora que se constitui a cada dia. Muito obrigada!

À minha mãe, que acreditou na minha capacidade, sempre me fortalecendo com suas ricas e doces palavras.

Às crianças, que me oportunizaram as vivências das atividades e brincadeiras, e contribuíram para um amadurecimento e aprendizado.

Às minhas amigas Lucilene Ribeiro Folegatti e Renata Camargo Gomes, pelo apoio, pela escuta e sugestões ao lerem atentamente os capítulos desse trabalho.

Aos professores do curso de Especialização de Educação de Crianças e Pedagogia da Infância, que direta e indiretamente contribuíram tanto na construção de conhecimento, quanto nas reflexões que ajudaram na escrita desse trabalho.

## **CADA CORPO, UM SÓ SOM**

*Cada corpo tem um som,  
Cada estalo  
Cada palma,  
Cada peito,  
Cada som tem um som  
Que só seu som tem  
Cada um é um.  
Gostoso é fazer um som  
Com uns outros sons,  
Com uns outros,  
Outros sons.*

(Barbatuques)

## RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar reflexões acerca das experiências pedagógicas envolvendo música, corpo e movimento na educação infantil, em atividades desenvolvidas no projeto “Que som é esse?”. Trata-se de um projeto realizado entre 2012 e 2015 na Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com vivências e interlocuções entre as linguagens corporais e musicais em atividades com crianças de cinco anos. Tendo a pesquisa narrativa como abordagem metodológica, o texto apresenta uma escrita reflexiva com a combinação entre a descrição e a explicação, entrelaçando o referencial teórico às estratégias utilizadas na prática pedagógica. Destaca-se a importância da formação continuada e suas reverberações na prática pedagógica junto às crianças, vivenciando partilhas de conhecimentos e saberes em momentos de significativas interações, construções e descobertas do e no corpo.

**Palavras chaves:** musicalização, corpo, som, movimento.

## LISTA DE IMAGENS

Figuras 1 e 2 – Duelo de Mágicos.....	21
Figura 3 – Ciranda Caracol.....	24
Figuras 4 e 5 – Maria Fumaça .....	26
Figura 6 – Desengonçada .....	27
Figura 7 – Yapo .....	34
Figura 8 – Escravos de Jó .....	36
Figura 9 – Adoleta .....	37
Figuras 10 e 11 – Sons do Corpo .....	38
Figuras 12 e 13 – Espelho Musical .....	42
Figuras 14 e 15 – Feirinha de Instrumentos .....	45
Figuras 16 e 17 – Experimentando Sons .....	45

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A PESQUISA NARRATIVA COMO CAMINHO METODOLÓGICO .....	13
2 AS LINGUAGENS .....	15
2.1 A criança tem cem linguagens.....	17
3 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS .....	19
3.1 Música, educação musical e musicalização.....	19
4. NESSA CIRANDA O MUNDO INTEIRO É MEU, É SEU.....	23
4.1 Ô abre a roda, tindô lê, lê: as cirandas sob uma nova perspectiva .....	27
4.2 Eu entrei na roda: as interações .....	29
5 QUE SOM É ESSE? O SILÊNCIO E OS SONS SOB VÁRIAS PERSPECTIVAS.....	30
5.1 Os sons do mundo: silêncio, sons e ruídos .....	31
5.2 Música do corpo e o corpo dos sons.....	33
5.3 Paisagem sonora: construção do repertório de sons .....	39
5.4 Produções infantis: criar, recriar e outros sentidos.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
ANEXOS.....	52

## INTRODUÇÃO

Falar sobre as minhas lembranças é olhar para um tempo que se entrelaça com o tempo presente, com essa formação contínua, no dia a dia com as crianças, aprendendo com elas, a partir delas, nas experiências vividas.

Desde o início da minha formação e constituição como professora, busco aperfeiçoamento prático e identificação com algumas das teorias apreendidas nos cursos de graduação e especializações<sup>1</sup>. As primeiras indagações surgiram de reflexões e inquietações sobre minha prática como professora não musicista, questionando-me: como a música se insere nas práticas cotidianas das crianças no contexto infantil e com que finalidade? Por que eu reproduzo uma prática que utiliza a música na educação infantil como apenas um marca-tempo ou espaço, sem ser significativo para as crianças? O quê e como eu poderia contribuir com a música na educação infantil? Como eu poderia proporcionar momentos de experiências novas junto às crianças pequenas?

Leciono na educação infantil desde 1998, sendo que nos meus primeiros anos de atuação, música e musicalização eram utilizadas em atividades voltadas, na sua maioria, para marcação da rotina escolar. Eu cantava para iniciar as atividades, para realizar a contagem dos ajudantes do dia, durante o percurso para ir e voltar ao parque, para tomar lanche, para arrumar a sala de aula, para ir embora, dentre outros momentos escolares. Eram raros os momentos em que havia uma roda para expressar e/ou vivenciar a linguagem musical, uma vez que eu não entendia essa modalidade como uma linguagem, muito menos que fosse tão importante no dia a dia e no desenvolvimento das crianças.

Lembro-me que somente nas festas juninas e apresentações de encerramento do ano havia alguma produção significativa com as crianças, segundo a proposta da Instituição, no caso a Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC), da Unicamp. Nas festas juninas, as atividades eram temáticas e as crianças escolhiam a música com a qual construiríamos a coreografia para a apresentação. Já nas apresentações de final de ano, o tema era de acordo com os projetos que haviam sido trabalhados; a partir deles, pensávamos no cenário, na coreografia ou nas dramatizações. As composições a serem apresentadas eram pensadas e montadas com as crianças,

---

<sup>1</sup> Possuo graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e especializações em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Especial e Inclusiva, ambas pela Universidade Internacional de Curitiba (Uninter).

sendo estes os únicos momentos em que a música era contextualizada fugindo da marcação da rotina, já incorporada às minhas ações e às das outras professoras.

Como citei anteriormente, nessa época eu não tinha um olhar mais cuidadoso para a música como linguagem constituinte das várias linguagens infantis e sua importância no desenvolvimento integral da criança, até porque eu achava que para realizar atividades musicais era preciso formação específica nessa área.

Ainda na graduação, o único contato com uma possibilidade de atividade com a música, envolvendo também o corpo, foi em 2006 na disciplina “Educação, Corpo e Arte”, com a Profa. Dra. Márcia Strazzacappa, na qual tive a oportunidade de vivenciar momentos em que as linguagens corporais e artísticas dialogavam com suas dimensões expressivas e educativas. Ao ser provocada nessa disciplina, decidi buscar teoricamente subsídios que me auxiliassem nas temáticas sobre corpo e musicalização e, conseqüentemente, em minha prática pedagógica junto às crianças.

Uma inspiração foi o grupo musical Palavra Cantada e seus livros, cd’s e dvd’s que formavam um acervo de atividades de músicas e brincadeiras minuciosamente explicadas nos livros e mostradas na íntegra nos dvd’s. Assim, aos poucos iniciei atividades musicais com as crianças, mesmo me angustiando por pensar que, como professora de educação infantil, não era capacitada para realizar atividades de música. Contudo, eu via a importância dessas atividades e queria ir além das meras rodas de músicas que marcavam o tempo e espaço; eu queria que as crianças pudessem ter outras experiências que somassem ao repertório já existente, em atividades que também fossem significativas.

Diante do que foi exposto, este trabalho tem como principal objetivo apresentar reflexões acerca das experiências pedagógicas envolvendo música, corpo e movimento na educação infantil, em atividades desenvolvidas no projeto “Que som é esse?”, realizado de 2012 a 2015 na DEdIC, com crianças de 5 anos, das turmas dos Detetives (2012), do Bambolê (2013), do Pirulito (2014) e dos Contos (2015). Na DEdIC há a cultura de nomear e identificar as turmas de crianças. Essa nomeação se dá a partir da sondagem e pesquisa junto às famílias, dos possíveis nomes, quando as crianças são muito pequenas. Já as maiores, há uma votação e a escolha.

No capítulo 1, “*A Pesquisa Narrativa como caminho metodológico*”, justifico minha escolha por essa metodologia como um percurso para minhas narrativas ao longo do texto.

No capítulo 2, “*As Linguagens*”, discuto a linguagem a partir de autores como Vigotski e Bakhtin, bem como as linguagens presentes na educação infantil.

No capítulo 3, “*As primeiras experiências*”, apresento como aconteceram as primeiras concepções e vivências com as crianças, refletindo também sobre música, educação musical e musicalização.

No capítulo 4, “*Nessa ciranda o mundo inteiro é meu, é seu...*”, conto um pouco da historicidade das cirandas infantis, e como essas brincadeiras se iniciaram nos grupos de crianças dos anos de 2012 a 2015.

No capítulo 5, “*Que som é esse? O silêncio e os sons sob várias perspectivas*”, relato como se deu o projeto de atividades que envolvia questionamentos por parte das crianças a respeito dos sons e silêncios, e as produções infantis criando e recriando sentidos outros.

# 1 A PESQUISA NARRATIVA COMO CAMINHO METODOLÓGICO

Com vistas a narrar as atividades realizadas entre os anos de 2012 a 2015 no projeto “Que som é esse?”, a pesquisa narrativa foi utilizada como inspiração metodológica neste texto, tendo como objetivo descrever as atividades de musicalização realizadas na educação infantil refletindo sobre as ações pedagógicas, as impressões, as experiências e as descobertas durante o projeto.

Para Clandinin e Connelly (2015), esse tipo de pesquisa se inicia com a narrativa do pesquisador associada ao problema da pesquisa, em articulação com as experiências vividas e contextualizadas historicamente, trazendo à tona reflexões e inquietudes sobre a integração da pesquisa com a prática. Ela ocorre dentro de uma dimensão temporal, e sua estrutura de organização não é, necessariamente, linear.

Segundo Polkinghorne (1998)<sup>2</sup>, há dois tipos de narrativas: a descritiva e a explicativa. O que difere as duas são seus propósitos. Enquanto a Descritiva produz a descrição das interpretações de narrativas individuais ou de grupos, de acordo com as sequências do que foi vivenciado significativamente, já na narrativa explicativa o objetivo está em torno das conexões entre os acontecimentos, em termos de causa e efeito, que vem prover uma história narrativa que complemente as conexões feitas e responda os questionamentos surgidos.

A narrativa está para além do mero recontar de eventos, mas algo de experiência pessoal, é “o relato de uma sequência de eventos que entraram para a biografia do falante por meio de uma sequência de orações que correspondem à ordem dos eventos originais” (LABOV, 1997, p. 21-22)<sup>3</sup>.

Portanto, o presente texto abordará uma narrativa reflexiva que mesclará a descrição e a explicação, ora cronologicamente linear, ora não, por ir e vir nas atividades entre que são comuns entre os anos de 2012 a 2015. Essa narrativa se entrelaçará com o referencial teórico e algumas reflexões, e versará sobre a linguagem musical, a musicalização, o movimento e o corpo, divididas em eixos temáticos.

---

<sup>2</sup> Tradução do texto original: “A narrative investigation can be of two descriptive and explanatory types. These are two ways of research. We can give you types of narrative data, collected by interviews and analysis of documents. A descriptive narrative, or purpose to produce a hurried description of individual narrative interpretations or groups that cost events in their lives or significant organizations”.

<sup>3</sup> Tradução do texto original: “A narrative of personal experience is a report of a sequence of events that have entered into the biography of the speaker by a sequence of clauses that correspond to the order of the original events”.

Buscou-se o referencial bibliográfico com alguns descritores e suas combinações, utilizados nos títulos, resumos e palavras-chave: música, musicalização, educação musical, corpo, movimento, criança, educação infantil. Houve o levantamento de artigos através do Google Acadêmico e do Sistema de Bibliotecas da Unicamp.

## 2 AS LINGUAGENS

A linguagem é um meio de interação social que se insere junto às diversas atividades da ação humana. Ela é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico (TRAVAGLIA, 2000)

Quando falamos em linguagem, geralmente nos remetemos e restringimos às linguagens verbal e escrita, priorizando essas duas formas de linguagem em detrimento de outras, como as linguagens não verbais.

A comunicação não-verbal exerce fascínio sobre a humanidade desde seus primórdios, pois envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, como os gestos, expressões faciais, orientações do corpo, as posturas, a relação de distância entre os indivíduos e, ainda, organização dos objetos no espaço. Pode ser observada na pintura, literatura, escultura, entre outras formas de expressão humana. Está presente no nosso dia-a-dia, mas, muitas vezes, não temos consciência de sua ocorrência e, nem mesmo, de como acontece. A comunicação não-verbal, entendida como ações ou processos que **trazem significados**. (SILVA et al. 2000, p. 53, grifos meus)

Nesses vários tipos e formas de linguagens, há uma forma de comunicar e transmitir ideias, pensamentos ou sentimentos. Trata-se de um processo de interação. Qualquer conjunto de signos ou sinais é considerado uma forma de linguagem. Segundo Bakhtin (2006), pode-se dizer que, ao partilhar ou comunicar algo a alguém através da linguagem, é necessário um símbolo mediador que integre o emissor e o receptor.

Para Vygotsky (1993), as linguagens são um sistema que representa os signos construídos culturalmente, com intuito de mediar o sujeito e o objeto do conhecimento. As linguagens são entendidas como forma comunicativa do pensamento, diante das diferentes experiências vividas e mediadoras das interações que ocorrem entre seus pares.

De acordo com Bakhtin (2006), a linguagem é entendida como um espaço semiótico em um papel contínuo da comunicação social como fator condicionante, e que não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na

linguagem. Bakhtin (2006) ainda afirma que “a essência da linguagem não é abstrata e isolada, mas pela comunicação a partir das interações sociais” (p. 103).

Nesse pensamento, há um olhar mais subjetivo, que abrange a essência da linguagem. Ela vai para além da influência externa, em busca da expressão de sua compreensão que vem de dentro para fora. Para Bakhtin (2006), o signo não pode estar isolado de sua significação, mas deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade com ela, caso contrário, ele perde seu elo.

Já para Rego (2002), a linguagem é um sistema de códigos que serve como instrumento psicológico que acontece de fora para dentro, na intenção de que a internalização leve a um aprendizado por meio da mediação. Esses sistemas são produzidos culturalmente, e uma vez internalizados, produzem mudanças no comportamento humano. Geralmente, os signos representam ou substituem alguma coisa a partir de um código. Isso faz com que a linguagem seja reconhecida como um conjunto de signos que correspondem a algo que lhes permita agir de acordo com sua qualidade de expressão, atitude, postura, movimentos que realiza, enfim, nos seus diversos modos de ser e nas relações entre o significante e o significado, representante e representado.

Ainda, Bakhtin (2006, p. 69) diz que

para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor (...) bem como o próprio som, no meio social (...) E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido.

Portanto, é no corpo social que a linguagem se concretiza e encontra sua expressão nas produções ideológicas. Mas também se pode dizer que é nas diversas formas de manifestações e de interação de natureza semiótica, a partir das linguagens gráficas, corporais, orais, visuais, da escuta, imagética, artística, musical, é que estreitam vínculos às condições sociais e reagem às suas manifestações ambiente social.

## 2.1 A criança tem cem linguagens<sup>4</sup>

As linguagens estão presentes na educação infantil de forma dinâmica, junto às várias vivências das crianças e seus modos de expressão em conhecimento de mundo. Elas comunicam-se e expressam-se por meio de múltiplas linguagens, que abrangem várias possibilidades comunicativas, com base na apropriação e na construção de subjetividades por parte das crianças, tendo em vista a especificidade de suas formas de relacionamento com o mundo.

Falar de diferentes linguagens, na educação infantil, significa, num primeiro momento, falar de aspectos que traduzem as características da linguagem própria da criança: imaginação, ludicidade, simbolismo, representação. Para ela, a linguagem reveste-se de um caráter comunicativo que, ao mesmo tempo em que comunica algo, permite dizer alguma coisa também. Daí se dizer que toda e qualquer forma de linguagem representa uma riqueza de possibilidades, desde que, faz-se necessário lembrar, a criança tenha acesso às especificidades de cada uma delas, para que, desse modo, possa desfrutar de todas, apropriando-se de cada uma de maneira particular (...) Por isso se justifica dar tanto valor às variadas experiências humanas que, no conjunto, formam o acervo de manifestações de que se vale o homem para se comunicar. (VITÓRIA, 2010, p. 1)

Nesse pensamento, temos que a criança se comunica com o outro em suas múltiplas linguagens que versam entre linguagens plásticas, gestuais, musicais, imagéticas, do cinema, do teatro, das histórias infantis, das brincadeiras e tantas outras (BRASIL, 2009). De modo geral, vai além das decodificações de letras, de imagens, ou até mesmo da extração de informações. Elas são processos em que as crianças são impelidas ao desenvolvimento do trabalho dinâmico de construção de significados, a partir de conhecimentos já incorporados dentro do seu repertório de materiais, experiências e de informações.

Para Albuquerque, Barbosa e Fochi (2013)

é nas possíveis linguagens que ainda não são expressas por palavras, mas potencialmente pelo corpo, pelo choro, pela gestualidade e principalmente pela brincadeira que estão, ao mesmo tempo, as especificidades e as potencialidades de as crianças se expressarem na e por meio das *linguagens*. (p. 14, grifo meu)

---

<sup>4</sup> Trecho da poesia de Loris Malaguzzi “As cem linguagens”.

Portanto, são essas as manifestações das múltiplas linguagens das crianças a partir das experimentações nas vivências em que há sensações, emoções, sentimentos e apropriação da cultura também permitem o estreitamento das relações sociais e das negociações no partilhar junto ao grupo.

Os conceitos de criança e infância vêm sendo construídos e determinados historicamente a partir das diversas de organizações da sociedade até hoje (KRAMER 2003). Por isso, desde que as crianças nascem, estão imersas em ambientes que lhes proporcionem contatos com diversos

aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo (...) constitui formas de estar no mundo manifestas nas relações e práticas diárias por elas vivenciadas, experimentando a cada instante suas brincadeiras, invenções, fantasias, desejos que lhes permitem construir sentidos e culturas das quais fazem parte permitindo-nos afirmar que são ativos, capazes, com saberes diversos, que se manifestam com riqueza demonstrando suas capacidades de compreender e expressar o mundo. (GOBBI, 2010, p. 01)

Nessa busca de experimentação, expressão e compreensão, individualmente ou coletivamente, as crianças são impulsionadas em diferentes perspectivas e ritmos a partir das várias linguagens, comunicar suas ideias, seus sentimentos, desejos e anseios, ao se relacionar com seus pares com seu entorno e com os adultos/as, com uma “extraordinária capacidade em provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve, tais como, confrontos, tristezas, alegrias, amizades, tensões” (GOBBI, 2010, p. 1). As crianças, então, escolhem meios para expressar através das diferentes linguagens, como desenho, pintura, esculturas, dança, e assim por diante, como já citado.

Nos dizeres desta autora, há, portanto, um grande desafio a ser enfrentado quando se quer, dentro do respeito às crianças, proporcionar uma educação de qualidade, com olhar e escuta sensíveis. Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criar espaços no cotidiano da instituição de educação infantil em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas.

### **3 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS**

Em 2012, eu trabalhava com crianças de 5 anos da pré-escola da DEdIC, com a chamada Turma dos Detetives. Elas gostavam de músicas na sua diversidade, e sua manifestação estava inserida nas brincadeiras das crianças, por isso, comecei a inserir, em meu planejamento, as atividades que envolviam música.

Desde o início do ano, todas as manhãs ouvíamos e cantávamos músicas. Além daquelas do repertório cultural das crianças, eu também oferecia outras músicas no intuito de ampliar e contribuir com esse acervo que elas traziam, especialmente trazendo músicas infantis. O repertório trazido pelas crianças era amplo, da cultura de cada família, sendo tanto músicas infantis, do cancionário popular, quanto música popular brasileira, sertanejo universitário, pagode, funk. Decidi, então, trabalhar com as atividades sugeridas do grupo Palavra Cantada.

Vale citar que, na instituição, as músicas que são comuns para as crianças e suas famílias são compartilhadas com as crianças de sua turma ou até mesmo de outras turmas da escola, tanto nas brincadeiras quanto em atividades na sala. Geralmente, as músicas infantis são as que mais permeiam os ambientes na DEdIC, pois, como já mencionado, por vezes servem como marcação de tempo e lugares, sejam nas rodas de conversas, nos deslocamentos dos espaços, e assim por diante.

Nesse período, passei a pesquisar sobre musicalização na educação infantil e encontrei autores/as que me trouxeram alguns esclarecimentos sobre o que isso seria, bem como ideias de como abordar o assunto com as crianças.

#### **3.1 Música, educação musical e musicalização**

Dentre as várias linguagens, a música está inserida nas linguagens artísticas, também fazendo parte do repertório do ser humano. Ela é uma linguagem que traz sensações e sentimentos, e segundo Bréscia (2003), é uma combinação harmoniosa e significativa de sons e silêncios.

Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998) vem complementar dizendo que

A música é uma linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por

meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas manifestações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações civis, políticas etc. (BRASIL, 1998, p. 45).

É possível compreender a música como um dos fenômenos culturais mais expressivos e complexos, dentre as sociedades, fazendo parte das relações simbólicas e influenciando na percepção e consciência corporal. Brito (2003) completa dizendo entender a música como “um processo contínuo de construção que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir” (p. 09), e ainda que a música “é uma linguagem organizada onde se insere a intencionalidade que, através dos signos sonoros combina e culmina na formação de melodia e harmonia” (p. 26).

Dentro da música, a educação musical e a musicalização são apresentadas como dois temas distintos.

A primeira diz respeito à formação musical, ao processo de inserção da música, da melodia, e do ritmo, bem como ao conhecimento e manuseio de instrumentos através da linguagem e alfabetização musical. Já a segunda trata da formação do bom ouvinte, integrando o corpo e a música, através da percepção do sentir, do pensar e da livre expressão” (BERGAMO, SANTOS 2013, p. 08)

Como o objetivo não era a alfabetização musical, nem tampouco atividades que tivessem o objetivo de formação de futuros/as músicos/as ou musicistas, mas sim a construção do saber no desenvolvimento da sensibilidade, eu esperava que as atividades de musicalização pudessem oportunizar às crianças momentos de criação e expressão, como procuro relatar ao longo do texto.

A música é composta por uma organização própria, pelo ritmo, pela melodia e por uma estrutura. O ritmo é organizado e traz a regularidade, ou seja, uma cadência. A melodia se liga à afetividade, à memória, e a estrutura é responsável pela ordem estabelecida na música. Com a música e seus elementos constituintes há possibilidade de exercer um trabalho engajado através do corpo e suas sensações, e da escuta musical. Segundo Alves (2013), escutar está para além da atividade biológica, para além do aparente, “é uma escuta ontológica, e que nele se estabelece enquanto ser, na linguagem” (p. 155); esse autor ainda ressalta que “a escuta se dá no silêncio, não no silenciar da linguagem o que seria impossível ao homem cessar o seu próprio motivo de vida, porém, o silêncio de resguardar com atenção o que estamos escutando” (p. 162).

Por isso, na música está contida na musicalização, cujas atividades são concebidas como um espaço não somente de apreciação de músicas, mas de uma variedade de expressão. Pensar em proporcionar condições para que isso ocorra é trazer à compreensão o que se passa na intenção da expressão e no propósito do significado quando em contato com a música. Por isso “musicalizar é oferecer ferramentas básicas para a compreensão e utilização da linguagem musical” (BERGAMO; SANTOS, 2013, p. 9).

Possibilitar momentos de musicalização desde a educação infantil, é contribuir na formação do bom ouvinte, integrando o corpo e a música, através da percepção do sentir, do pensar e da livre expressão. Diante dessa discussão, fica claro entender que a musicalização pode ser executada também por professores/as sem formação profissional na área da música. A partir de um bom planejamento, delimitar seus objetivos e buscar informações sobre esse tema, realizar especializações e aprofundamentos de seus conhecimentos sobre a musicalização, há possibilidade de realizar atividades musicais que contemplem a educação infantil e sua especificidade.

A partir do pouco de conhecimento esclarecido e adquirido quanto à temática da musicalização, ponderei e planejei as atividades a serem inseridas junto às crianças. Num primeiro momento, apresentei para as crianças os dvd's e os cd's, até que passaram a escolher o que ouviriam ou assistiriam. Assim, a turma assistiu, por algumas semanas, os dvd's “Livros de Brincadeiras” da Palavra Cantada. Meu intuito era pensar na construção de atividades musicais, como eu as chamava, junto com as crianças, e que pudessem ter a ajuda em sua construção pelas crianças.

A partir do mês de março de 2012, as crianças sugeriram brincar livremente com a música *Duelo de Mágicos* (Palavra Cantada), contida no volume 1 do dvd citado. Preparamos o ambiente com os materiais que as crianças iriam usar: varinhas feitas com pedaços de caninhos finos e pretos, potinhos e algumas serpentina para simbolizar o pó mágico. Eles passaram a manhã toda brincando, e em cada bicho representaram como a música indicava. Meninos e meninas se dividiram para a representação do enredo musical, pois a música é um duelo de mágicos entre meninos e meninas.

Imagens 1 e 2: Duelo de Mágicos. Fonte: Acervo pessoal



Os meninos representaram a minhoca se ondulando com todo corpo, alguns em pé com as mãos juntas acima da cabeça, outros deitados no chão. Já a representação do macaco pelas meninas foi bem característica, uma das mãos coçando a cabeça e a outra um dos lados, pernas um pouco flexionadas e andando pela sala.

No próximo bicho, os meninos com as mãos abertas sobre a cabeça, andando pela sala meio arqueados, imitaram o jumento. As meninas representando a barata, umas abriam os braços e como em voo se moviam pela sala, outras para cima dos meninos, outras pulavam. Quando representaram a galinha, todos juntos, alguns imitando o som, outros não, mas todos se moveram com as mãos na cintura imitando asas, mexendo o pescoço para frente e para trás, e com esse conjunto se moveram pela sala de diversas formas.

Essa disposição de duelo entre meninas e meninos aconteceu porque a própria música pedia. Mesmo sabendo hoje que poderia ter feito diferente, naquele momento não pensei em fazer de outro modo essa reprodução. Hoje em dia, eu deixaria que brincassem com a música da maneira que quisessem, com prazer, liberdade, sem delimitações e intervenções nos modos de realizar essa atividade.

Os momentos de vivências aconteceram ao longo do mês de abril daquele ano, ora assistindo os dvd's, ora revivendo cada atividade experimentada, só que de forma mais livre, e cada vez que as realizavam eles se expressavam de jeitos diferentes, mas sempre tendo como base as brincadeiras musicais dos dvd's.

#### **4. NESSA CIRANDA O MUNDO INTEIRO É MEU, É SEU...**

Nesse capítulo, apresento as experiências nas interações das crianças com as cantigas de rodas e as cirandas. Quando falamos em cantigas de rodas, remetemo-nos às cirandas às quais Diniz (1960) aponta como manifestações culturais, que fazem parte do nosso folclore brasileiro. De origem portuguesa, as cantigas de roda tiveram seu marco inicial no Brasil por volta do século XVIII, predominantemente no Nordeste, trazendo em sua composição a interação entre o canto e a dança. De acordo com esse autor, as cirandas eram praticadas por trabalhadores rurais, pescadores e operários de construções, se caracterizando por “uma expressão popular – genuína dança do povo” (p. 15), sendo meramente reproduzidas nas rodas infantis.

Tanto as cantigas de rodas quanto as cirandas são de origem popular e se relacionam com a brincadeira de roda. Conforme Fernandes (1961, p. 191) as rodas infantis “são folguedos prediletos das crianças, de primeira infância”, que consistem em formar um grupo com várias crianças, dar as mãos e cantar uma música voltada ao público infantil, com melodia e ritmo de uma cultura própria, letras simples e cativantes e que vem ao encontro da realidade da criança ou ao seu universo imaginário e, geralmente, coreografadas.

Na educação infantil, é comum as crianças formarem rodas, darem as mãos e cantarem uma música com características próprias, com melodia e ritmo equivalentes às culturas, sejam escolar, familiar, formadas com seus pares, entre outras formas culturais, que foram e são passados de geração em geração, assim como assegura Cascudo (2001). O autor afirma que, como ainda hoje permeiam nas brincadeiras infantis, as cirandas são recheadas de rimas, repetições e trocadilhos, e vêm como atividades lúdicas que possibilitam experiências que se conectam ao mundo imaginário infantil, realizando sonhos e fantasias, aprendendo a respeitar os outros e a participar de grupo.

Segundo Dohme (2003), as “cantigas de roda ou cirandas são tradicionalmente conhecidas como brincadeiras de crianças e nosso cancioneiro popular é rico em canções desse tipo” (p. 60), pois as cantigas de roda envolvem e promovem a interação entre elas. Portanto, oportunizar esses momentos é importante, pois as crianças revivem, experimentam hábitos culturais antigos dos povos originários do nordeste, mas que se fazem presentes nas brincadeiras infantis; assim como Alencar (2010) alega que as cantigas-de-roda são decorrentes da experiência de vida da

coletividade humana numa sequência natural e harmônica com o desenvolvimento humano.

Nas primeiras semanas de fevereiro de 2012, com a música *O caramujo e a Saúva* (Palavra Cantada), iniciamos as atividades. Essa música/ história cantada, traz em seu enredo, dois amigos que, para se comunicarem, mandam cartas em formas de bichos. Conversamos sobre qual a mensagem a música nos trazia, os tipos de meios de comunicação que temos nos dias de hoje: os e-mails, os celulares e telefones, Messenger e WhatsApp, e suas chamadas de vídeo, de áudio e as mensagens de texto, também falaram sobre o Facebook, Instagram e Twitter.

Diante das informações, as crianças observaram as diferenças entre os meios de comunicação utilizados hoje com os usados entre o Caramujo e a Saúva, como a música se referia, além dos dias da semana em que cada bicho era desenhado pelos amigos, e o meio pelo qual os bichos se comunicavam: a carta. A partir dos elementos já vistos, nas rodas de conversas as crianças concluíram que esse meio de comunicação quase não faz parte da rotina de suas famílias.

Após o período de conhecimento da música, fizemos uma ciranda, ora para um lado, ora para o outro, ora todos no centro, depois abrindo a roda, formávamos um caracol, e por último terminávamos em uma roda. Na semana seguinte, fizemos outra ciranda com a música *Ciranda dos bichos* (Palavra Cantada). Nessa, reproduzimos como no dvd. Eu acreditava que era uma ação positiva a ser realizada, uma vez que, ao assistirem a brincadeira, sugeri fazer da mesma maneira. Talvez tenha subestimado a capacidade de criação das crianças, dando menor liberdade e direcionando a realização das atividades de musicalização, por isso hoje, eu faria diferente.

Ainda em 2012, a realizada vivência foi com a música *Engatinhando* (Palavra Cantada), que é instrumental. Inicialmente ouvimos a música em roda e depois pedi para que falassem o que sentiam; algumas crianças comentaram que se sentiram tranquilas, outras sentiram sono, e outras acharam gostoso ouvi-la. Em seguida, solicitei que fechassem os olhos e se movimentassem como desejassem, ainda em roda. Depois repetimos essa atividade com os olhos abertos e se livremente pelo espaço da sala, fora da roda, criando movimentos da forma que quisessem.

Quando vivenciamos a atividade Ciranda Caracol, com a música *Ciranda* (Palavra Cantada), não foi realizada como os dvd's indicavam. De mãos dadas, ao som da música, dançamos a ciranda, cantando a música. Logo depois eu soltei uma das mãos e fui direcionando o caminho para realizar um caracol, e depois demos as mãos

novamente. A brincadeira com a música aconteceu se repetindo por umas duas ou três vezes, e depois, eu deixei que eles criassem formas de fazer o caracol. E assim, em dados momentos, trocava-se a criança que iria direcionar o grupo. Essa atividade continuou por vários dias nos parques, na sala, pela escola, de maneiras diversas, ora em grupo grande, ora em pequenos grupos de crianças.

Imagens 3: Ciranda Caracol. Fonte: Acervo pessoal



No início das atividades de musicalização em 2012, apoiava-me na estrutura repetitiva, dos cotidianos, das brincadeiras, das bases utilizadas na construção do conhecimento das crianças. Para Certeau (1998) a repetição é necessária a partir de uma explicação, para/por ações, ou até mesmo palavras que conduzam, auxiliem na compreensão do tempo-espaço; dessa forma, essas práticas são tecidas, segundo o autor, em “conformidade com as ocasiões” (p. 101) em que as atividades eram realizadas.

A partir daí, houve a influência de um Curso de Formação em Musicalização na Educação Infantil que fiz com a professora Francine Reis na própria DEdIC. Esse curso acontecia por duas horas uma vez por semana no período da tarde, nos espaços da DEdIC. Não se tratava de curso de extensão, mas nessa época, a instituição proporcionava diversos cursos de formação continuada, convidando pessoas de diversas áreas, para compor esses momentos. As vivências nesse curso me ajudaram a ter uma nova perspectiva de como conduzir as atividades que eu estava realizando com as crianças da Turma dos Detetives.

Quanto à mudança em relação a não mais reproduzir as brincadeiras musicais, mas propor outras formas de atividades de musicalização que pudessem promover a criatividade e espontaneidade das crianças, deu-se a partir desses encontros

no curso de formação. Nas vivências do curso, foram discutidas as relações entre a criança e a música, tendo esta como um instrumento de sensibilização e de prazer em uma linguagem universal. Houve também apontamentos sobre o papel da musicalização na educação como sendo um conjunto de atividades que torna a criança receptiva e sensível aos sons.

Segundo Brito (2003) “as crianças começam espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano” (p.35). Logo, a diversidade de sons e músicas somam-se ao seu repertório já existente e amplia seus conhecimentos musicais e de criação.

Em todos os encontros do Curso de Formação em Musicalização na Educação Infantil, a professora Francine Reis nos proporcionava vivências e dinâmicas para que pudéssemos experienciar, ver, sentir e refletir a partir delas em discussões com o referencial teórico, como Schafer (1991, 2001) e Brito (2003) que a professora apresentou no curso, e as dinâmicas de atividades realizadas no curso, deram um outro olhar à minha prática enquanto professora de educação infantil.

Concomitantemente, as experiências nos encontros do curso de formação foram moldando minhas impressões, comportamentos, estruturação, pensamentos e ideias. Me trouxeram um outro olhar para as atividades que já vinha realizando com as crianças, e contribuindo com meu primeiro questionamento quanto o meu desejo de proporcionar vivências que trouxessem as crianças maior significado, participação, criação, questionamentos e que pudessem contribuir com o sentir-pensar<sup>5</sup>, que significa a integração da mente e do corpo, do pensamento e das sensações, da música e das emoções.

Para a finalização do curso, a professora pediu para que pensássemos em atividades que envolvessem as ideias apreendidas e as vivências realizadas curso, junto às crianças. Ela propôs que fizéssemos um planejamento de atividades que contemplasse o que de positivo o curso trouxe, e que aplicássemos com nossas turmas de crianças. Meu papel como professora era procurar conhecer e considerar as peculiaridades e singularidades da educação infantil, suas concepções e práticas, oportunizando situações para que as crianças possam interagir nas atividades propostas e ter momentos de experimentações, refletindo e construindo suas próprias formas de realizar o que se propõe.

---

<sup>5</sup> Termo muito usado pela professora Francine Reis, no Curso de Formação.

#### 4.1 Ô abre a roda, tindô lê, lê: as cirandas sob uma nova perspectiva

Em 2013, com a Turma do Bambolê, as cirandas eram realizadas em dias específicos da semana, porém, foram introduzidas com músicas diferentes e com atividades menos dirigidas e mais livres. O curso de formação fez um grande diferencial na maneira em que eu sugeriu as atividades às crianças, que sem a minha interferência, ficaram mais livres para experimentar, improvisar, inventar e criar meios, formas e elementos para as vivências.

Com a música *Vida de Bicho* (Margareth Darezzi), fizemos a ciranda sem a minha intervenção, com jeitos próprios das crianças, que criaram modos diferentes de brincar com a música. Com a música *Maria Fumaça* (Cecília Cavalieri França), a atividade foi realizada em forma de ciranda sem dar as mãos, e as crianças se expressavam não somente de acordo com o que a música trazia, mas criaram outros modos de interação com a música. Devagar ou rápido, nos níveis alto, médio e baixo, copiando ou não os colegas, a maioria das crianças acabou explorando novos movimentos. Nessa ciranda, as crianças realizavam movimentos rápidos ou lentos, trazendo o fator tempo; leves ou não, trazendo o fator peso; nos vários níveis, com o fator espaço; e controlados ou não, com o fator fluência. Realizando também movimentos opostos a esses, tais quais: rápidos, firmes, flexíveis, libertados (RENGEL, MOMMENSOHN 1992). Assim, houve movimentos de diferentes formas e ritmos, de acordo com cada criança.

Imagens 4 e 5: Maria Fumaça. Fonte: Acervo pessoal



Nas brincadeiras de roda, segundo Queiróz (2016), há uma entrega aos encantos e embalos que tanto a música, o canto, como os movimentos que as cirandas proporcionam, levam a momentos de prazer na interação com o outro. Por isso, houve diversas vezes a repetição das atividades envolvendo as cirandas, e a cada vez que as crianças brincavam, faziam movimentos diferentes, com outras ideias, outros olhares, com elementos diferentes, ou não, e significativo, mas sempre únicos, tanto para cada criança, como para todos enquanto grupo.

Nos anos seguintes, de 2014 e 2015, com os grupos de crianças das Turmas do Pirulito e dos Contos, como nos anos anteriores, as atividades aconteciam em um dia específico da semana. A partir da introdução das cirandas com essas turmas, tomando o prazer das brincadeiras, suas construções e significados, e seus movimentos com diferentes conteúdos, tons, imagem, desenho, ritmos, dentre outros, atendendo a uma gama de inquietações pelas quais as crianças passaram, assim como aponta Martins, (2012), tudo foi socializado e inserido em acordo entre as crianças das Turmas do Bambolê, do Pirulito e dos Contos. A autora ainda ressalta que “o processo de socialização e a linguagem são importantes para a criança, (...) a figura de parceiros da brincadeira tornam-se, cada vez mais, indispensáveis; a criança passa de uma atitude de cada um por si, e de espectador da atividade alheia, para interações sociais ativas” (MARTINS 2012, p. 27).

Imagens 6: Desengonçada. Fonte: Acervo pessoal



As atividades continuaram, mas agora com a música *Desengonçada* (Bia Bedran), realizaram a ciranda e as expressões para além do que a música pedia. Cada criança criava sua maneira de expressão, de brincadeira compartilhada com o outro. Com a música *Centopeia* (Hélio Ziskind), as atividades também seguiram o mesmo formato.

## 4.2 Eu entrei na roda: as interações

As brincadeiras de cirandas que as crianças realizavam pela instituição não passaram despercebidas. No ano de 2012, a turma da sala ao lado, além de ver a turma dos Detetives nas brincadeiras nas áreas externas, sempre ouvia as músicas e o burburinho na minha sala, e vinha espiar, abrindo a porta. Percebemos que estavam muito interessados no que fazíamos, e as crianças sugeriram que poderíamos realizar algumas brincadeiras junto com eles. Conversei com a professora da turma e organizamos uma manhã para essa interação com a música *Ciranda dos Bichos* (Palavra Cantada).

Tomando como ponto de partida as experiências adquiridas pelas crianças dessa turma, o entusiasmo em dividir e direcionar parte das vivências realizadas, Winnicott (1982) assegura que a “criança adquire experiência brincando” (p. 163). Isso porque ao brincar, elas encaram a realidade interna e externa, por isso, em suas brincadeiras e suas relações fortalece a capacidade criadora.

Sentamos todos em roda, e as crianças da Turma dos Detetives explicaram que a música se tratava de alguns bichos e que, na ciranda, poderiam fazer como a música pedia, mas também, poderiam combinar outras formas de movimentos. Todos em pé, eu os deixei conduzir a brincadeira, e na primeira vez realizando a brincadeira, a turma convidada se atrapalhou um pouco, mas na terceira vez já estavam todos sincronizados, e adoraram essa vivência.

Em um primeiro momento, as crianças ouviram a música e conheceram sua letra e melodia. Em seguida, reproduziram-na tal qual ela pedia. Depois fizeram a ciranda ora girando de mãos dadas, do lado horário, anti-horário, indo em direção ao centro, voltando a posição inicial. Realizaram também movimentos característicos de cada bicho.

As brincadeiras e suas interações vêm dividir saberes e produções culturais, considerando o contexto o qual as crianças estão inseridas, assim como aponta Souza e Ferreira (2013). Elas trazem as trocas sociais dentro da dinâmica do desenvolvimento da identidade individual e enquanto grupo, pois ao brincar, há uma organização para a iniciação de relações emocionais, e o desenvolvimento das relações sociais (WINNICOTT, 1982).

## 5 QUE SOM É ESSE? O SILÊNCIO E OS SONS SOB VÁRIAS PERSPECTIVAS

No princípio, podemos supor que, era silêncio. Havia silêncio porque não havia movimento e, portanto, nenhuma vibração podia agitar o ar – um fenômeno de fundamental importância na produção do som. A criação do mundo, seja qual for a forma como ocorreu, deve ter sido acompanhado de movimento e, portanto, de som (KARÓLY, 1990, p. 5)

Na integração com o mundo em que vivemos, entre gestos, movimentos e os meios com o qual nos comunicamos, há vibrações sonoras. Ouvimos barulho, sons e ruídos. Ouvimos vozes, falas, músicas, sons dos pássaros, do vento, e assim por diante, como afirma Brito (2003). A autora ainda aponta que o “som é tudo aquilo que soa! Tudo o que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios” (p. 17).

Esses movimentos vibratórios constituem a paisagem sonora que nos cerca, que integra o todo orgânico e vivo existente. Os sons estão intrinsecamente ligados ao silêncio. Mas o silêncio existe? Brito (2003) diz que é a “ausência de som, mas na verdade, a ele corresponde os sons que já não podemos ouvir, ou seja, as vibrações que o nosso ouvido não percebe como uma onda, seja porque tem um movimento lento, seja porque são muito rápidas.” (p. 17). Portanto a nossa escuta esta diretamente guiada pelo “território de ouvir” e os sons que ocorrem em nosso entorno. Mas os sons e o silêncio não podem ser vistos separadamente, uma vez que são partes de uma única coisa, portanto, se complementam (BRITO, 2003).

Tendo entendido sobre os sons e o silêncio, buscamos agora entender sobre a escuta. Se há escuta, há apreciação e, portanto, há proximidade com “algumas outras propostas de apreciação musical que também entendem que uma escuta mais consciente passa necessariamente pelo adentramento no campo do sentido, tomado em suas várias dimensões” (NASSIF, SCHROEDER, 2016, p. 155).

No primeiro semestre de 2012, em um dos encontros das atividades de formação em Musicalização com a Professora Francine, a professora trouxe a questão do som e sua ausência, e em relação ao silêncio, este existe? Ela nos propôs uma dinâmica. A sala onde estávamos era silenciosa, então pediu para que ficassemos um minuto em silêncio e escutasse com sensibilidade e atenção, se poderíamos ouvir algo, já que acreditávamos, na grande maioria, que o silêncio existia. Logo depois, ela pediu para que cada um dissesse qual impressão tinham tirado dessa atividade.

Algumas pessoas disseram ter ouvido barulhos referentes à dilatação das paredes/teto do prédio, outros sentidos as pulsações, e outros o próprio coração. Lembro-me de que Francine completou dizendo que o silêncio é ilusório, pois não há silêncio absoluto, pois muitas coisas emitem sons, inclusive nosso próprio corpo. Entendemos que o som se propaga em ondas onde houver matéria, mas no vácuo, é possível ouvir o pulsar do coração.

Nos encontros subsequentes, ela trouxe a definição do que seria som e silêncio. O primeiro sendo tudo o que soa, tudo o que o ouvido pode perceber. Já o segundo não sendo simplesmente a ausência de som, mas sim a ausência de sons audíveis. E reforçou a inexistência do silêncio absoluto. Para exemplificar de forma prática, ela realizou uma atividade modelo com uma música instrumental, que tinha sons da floresta. Primeiro, sentadas em roda, ouvimos a melodia e seus sons, procuramos observar todos os sons da natureza, que apareciam. Depois, houve por parte de nós professores, uma locomoção expressiva, e enquanto a música acontecia, a percepção dos sons enquanto o movimento do corpo acontecia.

Retomando do assunto da percepção som x silêncio, foi realizada mais uma vivência: andar e parar levando em conta a percepção rítmica embutida, segundo música que a Professora dedilhava no teclado.

Ao final desses últimos encontros, ela colocou, do cd “Historinhas para ouvir”: O silêncio. Ouvimos de olhos fechados, tentando imaginar, sentir, enquanto a música acontecia, buscamos perceber os sons que podíamos ouvir. Ela nos propôs expressarmos com uma frase ou um poema. Entre questionamentos, vivências e experimentos, que aconteceram nos encontros do curso de formação, foram tecendo minhas impressões, comportamentos, estruturação, pensamentos e ideias. Trouxeram-me outros olhares para as atividades que já vinha realizando com as crianças, contribuindo para a minha formação como professora, para que pudesse proporcionar vivências que trouxessem liberdade de expressão e experimentação junto às crianças, a partir da integração de todo o corpo, da música e das emoções.

## **5.1 Os sons do mundo: silêncio, sons e ruídos**

Dentro das atividades realizadas no ano de 2012 com a Turma dos Detetives, surgiu a seguinte pergunta: o silêncio existe? Nas discussões das rodas-de-

conversas, as crianças questionaram sobre a existência do silêncio. Várias possibilidades apresentadas nas falas das crianças, o “quando a gente fica quieto, não ouvimos nada”. apareceu em quase todas.

Eles propuseram que ficássemos em um lugar “bem quietinho” para tentarmos “descobrir” se o silêncio existe. Eu organizei uma sala onde os ruídos e sons externos eram baixos, uma vez que não tínhamos uma sala com isolamento acústico. Em um primeiro momento, as crianças se sentaram em círculo, fecharam os olhos, em silêncio, e procuraram observar e tentar ouvir os sons que pudessem aparecer, apesar da primeira impressão. Depois, realizamos novamente, mas agora deitados em colchonetes. Dessa experiência, a turma formulou suas próprias impressões:

**B:** O silêncio existe quando as pessoas ficam quietas...

**Meigue:** E quando as pessoas ficam quietas, o que acontece?

**M. P.:** A gente não ouve nada, a única coisa que a gente ouve é o som das coisas...

**V:** A gente ouve o silêncio que todos ficam quietos ao mesmo tempo...

**E:** A gente ouve outra gente que fica falando alguma coisa...

**C:** Não, não ouve gente, ouve outras coisas...

**M:** Ouve outras coisas, pessoas conversando, ou músicas...

**A.L.:** Ouve passarinho cantando, músicas e outras coisas...

**Mr:** Parece silêncio, mas não parece que tem silêncio de verdade, porque quando estamos quietos ouvimos as crianças, a música, o barulho...

**A:** Ouve o barulho lá fora...

**K:** A gente ouve o cachorro que late...

**A:** Ouve o gato miando...

**A.L.:** Ouve alguém gritando, ouve o barulho da música das pessoas cantando...

**N.:** A gente fica em silêncio e ouve alguma coisa lá fora cantando, e os passarinhos...

**C:** A gente ouve o coração.

As impressões das crianças da Turma dos Detetives tomaram outro rumo, a questão de ficar quietos e não ouvir sons, já não cabiam em suas falas. Agora, eram outras questões que tomavam forma, entendendo que o silêncio não existe, uma vez que, mesmo em ambiente silencioso, há possibilidades de encontrar inúmeros sons, além da percepção do próprio corpo e dos possíveis sons que ele poderia produzir.

Diante desse interesse, as crianças buscaram saber o que é e de onde vem: Que som é esse? Outros questionamentos foram surgindo: como um instrumento faz som? Somente os instrumentos musicais fazem som? O que mais pode vir a produzir sons?

Para as próximas atividades, propus outros desafios, mesmo porque a devolutiva das crianças estava sendo intensa e surpreendente. Houve, no mês de agosto do ano de 2012, a busca por essas respostas, que prontamente foram encontradas pelas crianças dentro das diversas atividades de musicalização realizada a partir de sugestões e experimentos.

## **5.2 Música do corpo e o corpo dos sons**

Quando pensamos em práticas musicais, pensamos na integração entre corpo e música. Segundo Góes (2015, p. 91), “o corpo que somos define o limite entre a nossa essência e o espaço onde nos encontramos no mundo, ou seja, é o que nos permite contato com o externo e é, então, o que possibilita toda a nossa experimentação existencial” (p. 91). Para esta autora, as relações que o corpo possui com o externo e que nossas experiências pessoais estão intimamente ligadas com nossa essência e o espaço, podemos compreender que com a música, essa conexão que existe entre corpo e ambiente se revela como uma expressividade musical e artística individual. Por isso, as relações com a música, acontecem a partir da “experiência mental-corporal, onde todo e qualquer processo cognitivo de aprendizado, técnica, percepção e performance dependem, inicialmente, de um corpo que transforme informações que foram experienciadas em conhecimento produtor” (GÓES, 2015, p. 91), portanto, o corpo quando se movimenta, ele sente e se comunica.

Longe de ser um instrumento a ser treinado para obter certos resultados, o corpo pode ser considerado um dos responsáveis pela realização musical. “A importância do corpo para a prática musical resulta também do fato de que a percepção e o conhecimento musical ocorrem através dele” (STOROLLI 2011, p. 132). Nessa ideia, a expressão musical pode se manifestar por meio da exploração dos inúmeros sons que podem ser produzidos pelo corpo, e com ele produzir ritmos e exploração musical dos sons do corpo. Assim, Storolli (2011) pontua que:

Os sons que podemos produzir com o corpo, incluindo aqui a voz, também são movimentos. (...) Os processos de experimentação, criação e improvisação envolvendo a voz e movimento são fundamentais, pois além de permitirem o conhecimento do som, inclusive antes de qualquer sistema ou código específico, ocorrem a partir da atuação do corpo. Essas estratégias têm ainda como vantagem o fato de poderem eventualmente se realizar como um processo coletivo, o que é enriquecedor por permitir uma constante interação entre os participantes (p. 139)

É nessa brincadeira com o corpo que as crianças descobriram diversas possibilidades de criar sons e ritmo, fazendo de seus corpos meios percussivos, transformando-os em instrumentos musicais, isso porque “podemos definir instrumento musical como o objeto ou o material que é utilizado com a finalidade de produzir som” (GÓES, 2015, p. 93).

A atividade com a música *Yapo* (Palavra Cantada) envolvia extrair sons do corpo, e foi realizada, primeiramente com a Turma dos Detetives, e em continuidade com as turmas do Bambolê, turma do Pirulito e Turma dos Contos. Cada palavra dessa música indica onde e como bater: *Yapo*, nas coxas; *iaia* nos ombros com as mãos/braços cruzados; *êê* estalando os dedos; *tuque-tuque* toques na cabeça. Essa atividade pedia a percepção musical, auditiva, visual, rítmica e especialmente uma corporal das crianças.

Imagens 7: *Yapo*. Fonte: Acervo pessoal



As crianças de todas as turmas: Detetives, Bambolê, Pirulito e Contos, tiveram dificuldade em realizar essa atividade, uma vez que exigia maior concentração e atenção, mas acharam muito divertido. Fizemos diversas vezes, e na última vez, a maioria conseguiu coordenar no ritmo as batidas.

Para próxima atividade com a Turma dos Detetives, foi proposto trabalhar com duas músicas: *Escravos de Jó e Pombinha* (Cancioneiro Popular). Primeiro ouviram cada uma algumas vezes, depois propus que eles pensassem em como poderiam realizar a atividade com a música. Assim, as crianças criaram formas diferenciadas de brincar, puderam também interagir com o outro e com a música. E assim aconteceu por diversas semanas, com essas três músicas e outras que lhes eram comuns, do repertório cultural das crianças. Após o período de experimentar sons do corpo, passaram a experimentar os sons das coisas: dos móveis da sala, dos objetos e brinquedos.

Em um segundo momento, ofereci bastões de clava para explorarem. As crianças da Turma dos Detetives brincaram com e sem músicas de acompanhamento. Então aproveitei esse interesse propus atividades com as músicas *Escravos de Jó e Pombinha*. Foram dispostas as clavas uma na frente de cada criança. Cantando a música *Escravos de Jó*, buscando movimentos sincronizados com música/tempo, batiam no chão na frente da criança ao lado, formando uma ciranda de clavas e sons. Tínhamos várias latinhas na sala, então eles realizaram a mesma brincadeira com as latinhas.

Já a atividade com a música *Pombinha*, eles usaram duas clavas cada um, e batiam uma contra a outra, como base da melodia. Em um outro momento, usaram o som do corpo para realizar as duas atividades, sempre sincronizados. Experimentaram várias possibilidades, como bater com as mãos espalmadas pelo corpo: umas nas outras, nos braços, barrigas, coxas, e assim por diante. Por escolha das crianças, para a música *Escravos de Jó*, mãos sobrepostas, batiam nas mãos dos colegas formando uma ciranda de mãos. Para a segunda, foi realizada com palmas, tentando estar em sincronia com a música, ritmicamente.

Após as atividades, sempre retomávamos e socializávamos as impressões adquiridas nas atividades nas rodas de conversas. Tendo como base na pedagogia da escuta abordagem de Reggio Emilia de acordo com Edwards, Gandini, Forman (1999), tanto eu como a instituição percebem, na educação infantil, a importância dos momentos de roda de conversa, que permitem que as crianças tragam suas dúvidas, sugestões e assuntos que são compartilhados nas rodas.

É nessas ocasiões que são retomados alguns assuntos pelas crianças, e por vezes eu mesma trago para roda, das vivências realizadas, para que o grupo de crianças possam ter maior tempo para troca de ideias e conhecimentos, como aponta o RCNEI (BRASIL, 1998). Elas relatam, argumentam, perguntam sobre os temas vistos e

vivenciados, ou outros que venham surgir. Elas também explicam, descrevem, e consideram a fala dos amigos.

A metodologia da escuta, segundo Edwards, Gandini, Forman (1998) também é uma “pedagogia da relação” em que “fazem perguntas uns aos outros, ouvem e respondem” (p. 79). Além de estar centrada na criança, também mantém vivo um canal de ligação e comunicação com todas as pessoas do seu entorno.

Voltamos a conversar sobre a atividade com as músicas *Escravos de Jó* e *Pombinha*. As impressões das crianças foram:

**E:** Foi difícil fazer a atividade com a música escravos de Jó, mas da pombinha foi fácil.

**V:** Foi difícil quando batia no chão o bastão, e gostei de cantar a música da pombinha.

**M:** Na hora de passar o bastão gostei dos Escravos de Jó.

**B:** Foi difícil na hora de passar o bastão mais rápido. Foi difícil o Escravos de Jó, a pombinha foi fácil e gostoso.

**M.P.:** Foi difícil quando batia no chão e parava. Gostei de passar o bastão.

**M.:** Foi difícil o Escravos de Jó quando batia no chão, não foi muito fácil.

**S:** Foi difícil bater, gostei do Escravos de Jó e não foi fácil.

**M.A.:** Difícil foi Escravos de Jó, mas o da pombinha foi um pouco fácil.

Imagens 8: Escravos de Jó. Fonte: Acervo pessoal



Outra forma proposta utilizada com a Turma dos Detetives foi trabalhar o corpo e seu movimento, pensando no sentido consciente do corpo e seu valor sonoro. Para essa atividade usei a música *Engatinhando* (Palavra Cantada), por ser instrumental. Entreguei uma bexiga para cada criança e expliquei que era para ser usada como quisessem, no e com o corpo, criando movimentos, tendo a música apenas como um

fundo musical. Assim, passavam a bexiga pelo corpo, batiam com as mãos levando as bexigas para cima, ou para o chão; seguraram-na e se moveram juntamente com ela de diversas formas; com os braços e bexigas para um lado, corpo para outro.

Cada gesto, movimento, expressão significa oportunizar “situações nas quais a criança entre em contato com diferentes manifestações da cultura corporal (...) sempre tendo em vista a dimensão lúdica como elemento essencial na ação educativa na infância”. (AYOUB, 2001, p. 57)

Entre os meses de fevereiro e julho de 2013, as vivências com a Turma do Bambolê vieram permeadas do senso rítmico corporal, da memória e percepção musical, que foram repetidas ao longo do semestre.

A música *O filho do sapo*, (Margareth Darezzi) ao ser apresentada, os sons do corpo vieram como parte principal nessas vivências. Talvez as crianças pudessem brincar com a música livremente, ou até mesmo reproduzir o as personagens dela, mas as crianças tinham prazer em acompanhar a melodia com sons produzidos de seus corpos.

Ainda no primeiro semestre de 2013, a Turma do Bambolê brincou de Adoleta ao som de *Oras Bolas* (Palavra Cantada), assim como a Turma do Detetive, primeiro com as mãos, depois com as latinhas de Nescau. Todos sobrepondo as mãos, em círculo. Tendo a música como base, ao bater com a palma nas mãos do amigo, esse devolve para o próximo, e assim se segue pela roda. Já com as latinhas, todos a batem no chão, ao mesmo tempo, mas na frente do colega ao lado, e assim se dá a ciranda das latas ao som da música.

Imagens 9: Adoleta. Fonte: Acervo pessoal



Após essas brincadeiras e experimentações dos sons do corpo, em roda, a Turma dos Detetives em diálogo, a roda de conversa, falamos sobre quais sons o corpo poderia produzir:

**Meigue:** O que e como o nosso corpo pode produzir sons?

**AL.:** Pode bater a mão na coxa;

**K.:** Bater a mão na bochecha;

**V.:** Com a palma da mão batendo uma na outra, e também batendo os dedos um no outro;

**A.:** Bater a mão no chão;

**E.:** Bater as mãos no joelho;

**N.:** Bater o pé no chão;

**MN.:** Bater as mãos na barriga.;

**M.:** Bater as mãos no cotovelo, estalar a língua;

**MA.:** Bater a mão no ombro;

**MP.:** Bater as mãos no peito;

**L.:** Bater as mãos na cabeça;

**S.:** Bater as mãos nas costas;

**C.:** Bater a mão na boca meio aberta;

**N. e E.:** Assoviar pra dentro, depois pra fora, e depois com a “boca debaixo apertada”.

Após a conversa na roda, fomos experimentar as sugestões dadas. Eles se encantaram com as diversas possibilidades e variações de sons que o corpo pode produzir, em várias partes do corpo. E assim, puderam contribuir com uma rica e vasta paisagem sonora, de variados espaços, coisas e lugares, incluindo o corpo.

Imagens 10 e 11: Sons do Corpo. Fonte: Acervo pessoal



Partimos para a próxima brincadeira: estalo, palma e coxa ao som da música *Pipoca*. No ritmo dela, realizamos a brincadeira “Palma-Coxa”. As crianças estalavam as palmas nas coxas, suas mãos, e nas mãos do colega, também estalavam os dedos. Foi realizado também a vivência com a música *Yapo* (Palavra Cantada) e os sons do corpo.

### **5.3 Paisagem sonora: construção do repertório de sons**

Trabalhei os sons e a música em si, com as quatro turmas. Ao apreciarem, as crianças escutaram e realizaram as vivências com prazer, observando, analisando e reconhecendo, refletindo, e assim, elas puderam organizar, criar e produzir modos diferentes de envolver todos os sentidos e o corpo com a música. Dentro da curiosidade, observaram e experimentaram tanto os sons e sua produção quanto os instrumentos.

No curso de Musicalização na Educação Infantil a professora Francine trouxe alguns instrumentos feitos de sucata ou elementos diversos, que faziam sons de estrelas, água, e assim por diante. Ela nos disse que tudo o que produz som poderia ser classificado como um cotidiáfono. Então, as famílias as crianças da Turma dos Detetives trouxeram vários instrumentos, nós achamos uns e construímos outros, assim a turma pôde compor seu repertório de cotidiáfonos, conhecendo-os e experimentando-os, tais como:

- Violão (que eu trouxe da minha casa e um de brinquedo, que a fazia parte da sala, e construímos alguns com caixas de sapato e latas de leite em pó)
- Violoncelo (caixa de sapato)
- Harpa de ouvido (trazido por uma criança)
- Chocalho (de garrafinhas e sementes)
- Reco-reco (de garrafinhas de refrigerante)
- Maracas (com potinhos de leite fermentado)
- Pau-de-chuva (trazido pelas crianças)
- Cabuletê (trazido pelas crianças)
- Dois sapinhos percussivos (trazidos pelas crianças)
- Caixa de pizza – som de onda (caixa de pizza com bolinhas de gude)
- Mobile- chocalho de lacres de latinha som de passarinho (com peneira de plástico e lacre de latinhas)
- Mobile de chaves som de estrelas (com peneira de vime e chaves)

- Semente – chocalho (dentro de latinhas de Nescau)
- Trompa
- Tambor de lata
- Tambor de cano de pvc
- Latinhas
- Caninho de borracha

Diante das experimentações que as crianças realizaram, com os cotidiáfonos e instrumentos trazidos de casa, chegaram à conclusão de que para o som sair mais alto precisa de uma caixa de ressonância, então usamos latas e caixas de sapato como caixas de ressonância. Em roda de conversa, as crianças conversaram sobre o assunto:

**B.:** A gente bate os dedos nas cordas, e aí sai o som que entra dentro da caixa e sai bem mais alto.

**Meigue:** Por que harpa é de ouvido?

**Crianças:** Porque não tem caixa de ressonância, então para ouvir o som que faz tem que colocar o ouvido bem perto.

Em atividade de experimentação dos cotidiáfonos e instrumentos trazidos e confeccionados, as crianças conversaram sobre altura e intensidade do som. Ouvindo o som dos chocalhos, a turma chegou à conclusão que tem sons fortes, médios e fracos. Manusearam alguns instrumentos como tambor, chocalho de chave e clavas. Para eles o grave e o agudo significavam:

**M.P.:** Grave é som forte e agudo é som bem baixinho.

**B:** Grave é som bem forte e bem barulhento, agudo é bem fininho.

**N:** Agudo é som baixinho e grave é som bem alto.

**V:** Agudo é o som quando a gente mexe chocalho, e o agudo é o som bem alto.

**M.:** Grave é o baixinho, o som agudo é o alto.

**A.L.:** O mais alto é agudo, e o som mais baixo é o grave.

**C.:** O mais alto é o som do agudo e o mais baixo é o som do grave.

**M.:** Grave é baixo e o agudo é o alto.

**A.:** Agudo é baixo e o grave é o alto.

**S.:** Agudo é o som forte, e o mais grave é o alto.

**E.:** Agudo e mais alto e o grave é baixinho, o agudo dá dor de ouvido.

Dando significado ao significante: o som grave representado pelo elefante, e o som agudo pela abelha, escolha da turma.

**M.P.:** É elefante porque é bem pesado, e a abelha é bem fininho.

**B.:** Porque o elefante é pesado e grande e a abelha é pequena e faz barulhinho.

**M.:** Porque o agudo é levinho e o pesado dói o ouvido.

**A.:** O grave é pesado e o agudo é levinho...

**C.:** O som da abelha entra dentro do ouvido, e o do elefante é pesado.

**M:** A abelha tem som agudo e é um pouco mais alto, e o grave é pesadão como o elefante.

**A.L.:** É agudo o da abelha porque faz barulho, e o grave é pesado como o elefante.

**S.:** É grave porque o elefante é mais forte e pesado, e a abelha é mais fraca.

**E.:** É agudo porque toca música alta, e o grave porque toca música baixinho, pesado como o elefante.

Na mesma ideia, as crianças da Turma dos Detetives começaram a trazer sementes, pedras, pedaços de galinhos. Como tínhamos construído chocalhos de latinha de Nescau, pensei em trazer algumas latinhas, e as famílias doaram outras. As crianças colocavam tudo o que traziam de pequeno porte nas latinhas de Nescau, separando cada uma das coisas. Tínhamos materiais como pedras pequenas e grandes, arroz, feijão, milho, brinquedos de lego, areia, pedacinhos de madeira, contas, bolinhas de gude, conchinhas e assim por diante. Assim, foram formando o acervo de materiais variados, que vieram a constituir instrumentos sonoros.

As crianças também passaram a observar e ouvir todos os sons que os meios produziam, seja em casa, na escola e seus arredores, na sala, e assim por diante. E então identificá-los e mapeá-los. O segundo passo foi identificar sons característicos dos objetos da sala. Eles experimentaram sons das mesas, cadeiras, brinquedos, paredes, janelas, lápis, canetinhas, giz de cera, roupas (quando batiam no ar), e assim por diante.

Uma das brincadeiras realizadas com a Turma dos Detetives foi o espelho musical, em que usaram os reco-reco feitos de garrafinhas de pet. As crianças ficavam frente-a-frente, e criavam movimentos diversos usando esses instrumentos. Da mesma forma como na vivência anterior, em dupla passaram a criar vários movimentos, a

princípio, imitavam as outras duplas, mas depois, formavam movimentos novos e diferentes das outras duplas.

Imagens 12 e 13: Espelho Musical. Fonte: Acervo pessoal



Houve também brincadeiras com os sons do corpo a partir das músicas: *Bolinha de Sabão*, *Oiá e Pipoca* (Palavra Cantada). Com a primeira música brincamos com os sons que a boca podia fazer. Estalavam os lábios e/ou a língua, formava a boca em O e batiam com a mão, enchiam a boca de ar e batiam nas bochechas fazendo sons, no ritmo da música. Na segunda música, livremente eles escolhiam uma parte do corpo para produzir sons, aleatoriamente. Coxas, panturrilha, barriga, cabeça, estalar de dedos, bumbum, e assim por diante. Já na terceira, eles pulavam e batiam pelo corpo as mãos, no ritmo da música *Pipoca*.

As crianças deram sugestões de criar outras brincadeiras, e juntos construímos várias delas envolvendo sons, tais como telefone sem fio sonoro. Nela nos sentamos em roda com algum som produzido pelo corpo, as outras imitavam até chegar na última criança. Fazíamos um rodízio até que todas as crianças pudessem criar seu próprio som, sem repetir o dos colegas.

Realizamos também a Dança do chapéu: como tínhamos um acervo razoável de fantasias, incluindo chapéus, além de pedirmos emprestado para as outras turmas, as crianças, livremente, se expressaram com o chapéu, ao som da música *Oiá*. As crianças colocavam e tiravam o chapéu, giravam, passavam pelo corpo e assim por diante, como na atividade da bexiga, já mencionada.

#### **5.4 Produções infantis: criar, recriar e outros sentidos**

A criança é um ser brincante, que se relaciona com o mundo sendo capaz de realizar diversas (re)criações, inclusive músicas e sons. Dentro de sua curiosidade, conforme cita Brito (2003), a criança pesquisa outros materiais sonoros, descobre novos instrumentos, inventa e imita sons e ritmos, expressando-se corporal e musicalmente.

Nessa ideia, as crianças da Turma dos Detetives passaram para momentos de criações: materiais que produzissem sons, numa construção e descoberta da paisagem sonora do meio social das crianças. Dentre o acervo de objetos colhidos na escola, trazidos de casa e separados nas latinhas, escolheram alguns para construção de instrumentos. Dentre os objetos sonoros construídos tínhamos a trompa de conduíte, instrumentos de corda feitos de madeira, lata de leite, caixa de sapato pequena, harpa de ouvido de madeira com confecções diferentes, a saber: elástico roliço fino, fios de nylon grosso e fino; instrumentos de “pele”/ “membrana” para tambores de lata e cano de PVC, revestido com bexiga e tecido; um xilofone de garrafinhas.

Nessas construções de instrumentos e objetos sonoros, despertavam-se a curiosidade e o interesse das crianças, e então, voltamos a realizar atividades sonoras corporais, diferenciando um som de outro, percebendo semelhanças e diferenças, pensando conforme Brito (2003) que

A música não é só uma técnica de compor sons (e silêncios), mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo. (...) Com sua recusa a qualquer predeterminação em música, propõe o impossível como lema, um exercício de liberdade que ele gostaria de ver estendido à própria vida, pois tudo o que fazemos (todos os sons, ruídos e não-sons incluídos) é música. (p. 27)

Mesmo entendendo que os sons não são músicas, mas toda música é som, o foco para o segundo semestre de 2012 se baseou na importância das crianças se aproximarem da ideia de linguagem musical, desde a criação de formas sonoras, tendo como base o silêncio e o som. Trabalhando os sons e o seu relacionamento, não somente com a música, mas com todo o contexto o qual as crianças vivem, experimentavam, descobriam e refletiam sobre a diversidade de sons que podem ser identificados, além de classificá-los e diferenciá-los.

As próximas atividades proporcionaram vivências com ritmos livres, identificar e “manter um pulso (medida referencial de duração constante), a vivência do ritmo também não se subordina à pulsação e ao compasso (a organização do pulso em tempos fortes e fracos), além de vivenciarem o ritmo livre” (BRASIL 1998, p. 50).

Realizamos a atividade: descobrindo sons, em que as crianças, já com a paisagem e acervo sonoros organizados, puderam experimentar vários materiais e os sons que cada um produz. Dentre os sons descobertos estavam:

- Argolas de madeira = som da cachoeira;
- Mobile de lacre de latinhas e de chaves = som das estrelas
- Sacolinha plástica = som chuva
- Pau-de-chuva = som de chuva
- Caixa de madeira ondulada = serrote
- Caixa de madeira ondulada = trem
- Papel grosso = trovão
- Folha de RX = tempestade, vento forte
- Mangueirinha = vento (ao rodar ela no ar tem esse som)
- Caixa de pizza com bolinha de gude = ondas bravas
- Latinha = milho de pipoca estourando

Cada um desses sons foi usado na sonorização de histórias, poemas e músicas, tais como “Canção do charco” de Mário Quintana; “Ou isto, ou aquilo” de Cecília Meireles; “Noite está bonita” de Raul Bopp; “A estrela” de Manuela Bandeira.

Segundo Brito (2003, p. 59), com “todo e qualquer fonte sonora, material propagador de sons, produzidos pelo corpo humano, pela voz, por objetos do cotidiano, por instrumentos musicais, pode-se fazer música”. Nessa ideia, as crianças usando de seus corpos, objetos do ambiente escolar e trazidos de casa, brincavam com os sons. A partir dessas brincadeiras, houve a construção de instrumentos musicais como possibilidade de expressão musical.

Já no ano de 2013, com a Turma do Bambolê, foram realizadas atividades de conhecimento de sons, a partir de uma bandinha rítmica que ganhamos para a sala e outros elementos que adquiri para compor esse novo repertório musical, como tambores, maracas, caxixis, berimbau, castanholas, apitos diversos, cuíca, bongô, tambores, agogô, reco-reco, tamborim, xequerê, pau de chuva. Construimos diversos instrumentos e fizemos Feirinha dos Instrumentos confeccionados com sucata

Imagens 14 e15: Feirinha de Instrumentos. Fonte: Acervo pessoal



As atividades realizadas durante os dois semestres de 2013 com a Turma do bambolê se repetiram por diversas vezes, a pedido das crianças. No próximo ano, com a Turma do Pirulito, realizamos a atividade de Ouvir-Sentir. Nela usei a música *Coqueiro* (Cecília Cavalieri França) como base. Eles ouviram por vezes a música, conversaram quais elementos constituíam ela. Logo, fizemos roda e nela eles expressaram como quiseram a música. Depois conversamos quais elementos sonoros podíamos usar para vivenciar essa atividade. Escolhemos a caixa de pizza com bolinhas de gude com som de mar, a sacola plástica para o vento. Pedi para que fechassem os olhos e ouvissem, sentissem e imaginassem enquanto a música tocava.

Imagens 16 e 17: Experimentando Sons. Fonte: Acervo pessoal



Ao longo do ano de 2015 com a Turma dos Contos, realizamos atividades repetidas do ano anterior, mas com algumas sugestões das crianças, que acrescentaram mais elementos às vivências. Tivemos também a memória musical com as latinhas, sons do corpo com as músicas *Pipoca*, *Oras Bolas* e *Yapo* (Palavra Cantada).

Com essa Turma foram realizadas menos atividades. Elas aconteciam a cada 15 dias apenas, pois foi um ano conturbado na instituição e por um problema de saúde que culminou com meu afastamento por um período, o que demandou cuidados comigo mesma. Como eu já havia entrado com um laudo médico, nesse ano de 2015, trabalhei compartilhando a turma com outras duas professoras, Izamélia Sousa e Gisele Avelar.

Todo esse processo deixou marcas das experiências vividas e compartilhadas por mim e pelas crianças das Turmas dos Detetives, do Bambolê, do Pirulito e dos Contos, mediadas pelas atividades de musicalização, que como fios entrelaçados, foram delineando o caminhar em todas as atividades vivenciadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto, busquei relatar as vivências e relações que as crianças tiveram com a música, com seu corpo e com os sons dos objetos e do meio. Foram momentos de experimentações e descobertas, de cirandas e brincadeiras, de sons e silêncios, de construções e desconstruções com a música e o corpo.

Apresentei tanto os questionamentos das crianças quanto as reflexões sobre minha própria prática, e como ela foi se modificando ao longo do tempo, a cada nova experiência e concepção. Conforme Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”; com isso, creio que as experiências vividas nos anos de 2012 a 2015 imprimiram sentido e transformação de pensamentos e ideias, refletindo nas práticas junto às crianças. Foi então por meio dos questionamentos das crianças que surgiram minhas próprias indagações, e ao procurar instigá-las a buscar respostas que satisfizessem suas dúvidas, eu buscava as respostas para as minhas dúvidas também.

Os cursos de formação foram importantes para entender conceitos que envolviam a música, o corpo e o movimento. Entendi que o corpo e a música são elementos distintos, que podem se manifestar de diversas formas e em momentos diferentes; o corpo produz sons, seus movimentos são poéticos, suas expressões acontecem em vários espaços e tempos, com diferentes objetivos. E assim, tudo pode ser apreciado, sentido, vivenciado. Mesmo sem formação de musicista, trago a importância de cursos e espaços de formação continuada, que me trouxeram embasamento teórico, estratégias e práticas de atividades, que me foram importantes para pensar minha prática de antes e de hoje.

As linguagens artísticas trabalhadas foram modos pelos quais houve interação. Foi nessa interação que comunicamos, que nos expressamos de diversas maneiras, como aponta Travaglia (2000). Trouxe uma prática sensível á voz e questionamentos das crianças.

A discussão deste trabalho abordou um relato em que coexistiram as vivências e a experiência, tendo como foco principal a interação das crianças com as atividades de musicalização. Larrosa (2002) afirma que “pensar é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (p. 21), então, minhas reflexões têm dado sentido às transformações de pensamentos e originado novas ideias. No decorrer da realização do projeto “Que som é esse?”, as crianças iam criando seus conceitos e construindo seus

conhecimentos durante as atividades, e eu ia aprendendo com elas, numa partilha de saberes construídos na caminhada que fazíamos juntos.

As atividades de musicalização foram momentos prazerosos e de encantamento, vivenciadas de maneira dinâmica com as turmas de crianças. Entre sons e silêncios, cirandas e brincadeiras, ideias ecoaram de dentro para fora, tendo o corpo como principal eco desse processo. Espero que os sons dessa narrativa reverberem e continuem refletindo os conhecimentos e aprendizados das repercussões do e pelo corpo.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Simone Santos de; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Paulo Sérgio. **Linguagens e crianças: tecendo uma rede pela educação da infância.** Aleph, Niterói, v. 7, p. 5-23, 2013
- ALENCAR, Sylvia. **A música na Educação Infantil.** 4. ed. São Paulo: Paternoni, 2010.
- ALVES, Vagner Geraldo. Linguagem e Escuta Musical Ontológica. Universidade Federal do Espírito Santo. **Anais Simpósio de Estética e Filosofia da Música SEFiM/UFRGS,** Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2013.
- AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física.** São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução Michel Lahud et al. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BERGAMO, Regiane; SANTOS, Meigue Alves. **Autismo e musicalização: uma aliança possível.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)- Universidade Internacional de Curitiba Uninter Pólo Campinas, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 abr. 2009.
- BRASIL, MEC. SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: Mec/SEF, 1998. (Vol.1,2,3).
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: Bases psicológicas e ação preventiva.** Campinas: Átomo, 2003.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil - propostas para a formação integral da criança.** São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 10. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- DINIZ, Jaime. Ciranda: roda de adultos no folclore pernambucano. **Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística**. Recife, 1960.
- DOHME, Vania. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- EDWARDS, Carolyn. GANDINI, Lella. FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERNANDES, Florestán. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Anhembi. 1961.
- GOBBI, Márcia. **Múltiplas Linguagens de Meninos Meninas no Cotidiano da Educação Infantil**. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte, novembro, 2010.
- GÓES, Amanda A. Corpo percussivo e som em movimento: a prática da música corporal. **Revista Opus**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 89-100, jun. 2015.
- KARÓLY, Ottó. **Introdução à música**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LABOV, Willian. Some Further Steps in Narrative Analysis. **Journal of Narrative and Life History**. v. 7, n. 1-4, p. 395-415. 1997.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, jan/abr, 2002.
- MARTINS, Maria Audenora de Neves Silva. **Cantigas de roda: o estético e o poético e sua importância para a Educação Infantil**. Curitiba: CRV, 2012.
- NASSIF, Silvia Cordeiro; SCHROEDER, Jorge Luiz. A escuta musical: um processo dialógico. **Educação**, Batatais, v. 6, n. 2, p. 143-161, jul./dez. 2016.
- POLKINGHORNE, Donald. E. **Narrative Knowing and the human Science**. Albany: State University of New York Press, 1988.
- QUEIROZ, Allyne Kristhina dos Santos. **Vamos dançar Ciranda!** 2016. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

- RENGEL, Lenira; MOMMENSOHN, Maria. O corpo e o conhecimento: dança educativa. **Série Idéias**, n. 10. São Paulo: FDE, 1992.
- REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SCHAFER, R. Murray. **A afinação de mundo**. Tradução Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Ed Unesp, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O Ouvido Pensante**. Tradução Marisa Trench Fonterrada, Magda R. G. da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Ed Unesp, 1991.
- SILVA, Lúcia Maria Giunta da *et al.* Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. **Rev. Latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52-58, agosto 2000.
- SOUZA, T. N.; FERREIRA, M. C. R. Uma infância melhor. **Revista Educação: Cultura e sociologia da infância**, v. único, p. 123-135, abr. 2013.
- STOROLLI, Wânia Mara. O corpo em ação: a experiência incorporada na prática musical. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 19, n. 25, p. 131-140, 2011.
- TORRE, Saturnino de La. **Sentipensar: estratégias para un aprendizaje creativo**. Mimeo, 2001.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau**. 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993
- VITÓRIA, Maria Inês Corte Vitória. Múltiplas linguagens na educação infantil: a criança sob nova ótica, nova ética e nova estética. **Revista Virtual**. Porto Alegre, nº1, 2010.
- WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1982.

## ANEXOS

### 1. MÚSICAS USADAS NAS ATIVIDADES DE MUSICALIZAÇÃO

#### **Ora Bolas (Palavra Cantada)**

Oi, oi, oi...  
 Olha aquela bola  
 A bola pula bem no pé  
 No pé do menino  
 Quem é esse menino?  
 Esse menino é meu vizinho...  
 Onde ele mora?  
 Mora lá naquela casa...  
 Onde está a casa?  
 A casa tá na rua...  
 Onde está a rua?  
 Tá dentro da cidade...  
 Onde está a cidade?  
 Do lado da floresta...  
 Onde é a floresta?  
 A floresta é no Brasil...  
 Onde está o Brasil?  
 Tá na América do Sul,  
 No continente americano,  
 Cercado de oceano  
 E das terras mais distantes  
 De todo o planeta  
 E como é o planeta?  
 O planeta é uma bola  
 Que rebola lá no céu  
 Oi, oi, oi...  
 Olha aquela bola...  
 A bola pula bem no pé  
 No pé do menino...  
 Yapô  
 Yapô iá iá ê ê ê  
 Yapô iá iá ê  
 Yapô iá iá  
 Yapô e tuqui tuqui  
 Yapô e tuqui tuqui ê...

#### **Ciranda Dos Bichos (Palavra Cantada)**

A dança do jacaré quero ver quem sabe dançar.  
 A dança do jacaré, quero ver quem sabe dançar.  
 Rebola para lá, rebola para cá  
 E abre o bocão assim.

*Remexe o rabo e nada no lago*  
*Depois dá a mão para mim.*  
*A dança da cascavel, quero ver quem sabe dançar.*  
*A dança da cascavel, quero ver quem sabe dançar.*  
*Rebola para lá, rebola ondulado*  
*E estica o pescoço assim.*  
*E sobe no galho, balança o chocalho*  
*Depois dá a mão para mim.*  
*A dança do caranguejo, quero ver quem sabe dançar.*  
*A dança do caranguejo, quero ver quem sabe dançar.*  
*Rebola para lá, rebola para cá*  
*Belisca o meu pé assim.*  
*E mexe o olho e ande de lado*  
*Depois dá a mão para mim.*  
*A dança do peixe boi, quero ver quem sabe dançar.*  
*A dança do peixe boi, quero ver quem sabe dançar.*  
*Rebola para lá, rebola para cá*  
*E abre a boquinha assim.*  
*Me dá um beijinho e nada um pouquinho*  
*Depois dá a mão para mim.*  
*A dança do tuiuiu, quero ver quem sabe dançar.*  
*A dança do tuiuiu, quero ver quem sabe dançar.*  
*Rebola para lá, rebola para cá*  
*E voa no ar assim.*  
*E sobe um pouquinho e desce um pouquinho*  
*Depois dá a mão para mim.*  
*A dança da criançada, quero ver quem sabe dançar.*  
*A dança da criançada, quero ver quem sabe dançar.*  
*Rebola para lá, rebola para cá*  
*Faz uma careta assim.*  
*E dá uma voltinha, sacode a cabeça*  
*Depois dá a mão para mim*

### **Ciranda (Palavra Cantada)**

*Deixa de manha de noite e de dia*  
*Toda criança diz que tudo é seu*  
*Hei, menino! Hei, menina! Larga disso, lagartixa*  
*Que nessa ciranda o mundo inteiro é meu, é seu, é meu, é seu...*  
*Como uma vez tinha um tatu bolinha*  
*Mais outra vez nasceu um monte de irmãos*  
*Mais o amigo, mais a prima, o colega, a vizinha*  
*E nessa ciranda o tatu bolinha virou bolão, balão, bolão, balão...*  
*E nessa ciranda o mundo inteiro é meu, é seu, é meu, é seu...*  
*E nessa ciranda o tatu bolinha virou bolão, balão, bolão, balão...*

### **Duelo de Mágicos (Palavra Cantada)**

*Olha só o que eu achei*  
*Nessa velha escrivainha*

*Uma autêntica varinha mágica  
Você pensa que é mentira  
Então eu vou te transformar  
Numa boboca de uma minhoca dorminhoca  
Vira minhoca, vira minhoca  
Você virou, você virou uma minhoca  
Pula minhoca, dança minhoca  
Você virou, você virou uma minhoca  
Virou, virou uma minhoca  
Olha só o que eu achei  
Nessa velha penteadeira  
Um potinho de pó mágico  
Você pensa que é mentira  
Então eu vou te transformar  
Num peludo de um pelado  
De um maluco de um macaco  
Vira macaco, vira macaco  
Você virou, você virou um macaco  
Pula macaco, dança macaco  
Você virou, você virou um macaco  
Virou, virou um macaco  
Acho que essa varinha  
O meu pai quando criança  
Usou pra ficar bem forte, rico,  
Belo e o máximo!  
Se você não acredita  
Então eu vou te transformar  
Nesse momento num elemento  
Fedorento que é a besta de um jumento  
Vira jumento, vira jumento  
Você virou, você virou um jumento  
Pula jumento, dança jumento  
Você virou, você virou um jumento  
Virou, virou um jumento  
Acho que esse pó mágico  
Minha mãe quando criança  
Usou pra ficar bem linda, perfumada  
Charmosinha e fantástica!  
Se você não acredita  
Então eu vou te transformar  
Numa gosmenta e fedida  
De uma danada de uma barata  
Vira barata, vira barata  
Você virou, você virou uma barata  
Pula barata, dança barata  
Você virou, você virou uma barata  
Virou, virou uma barata  
E vocês que estão ouvindo  
Parece que não acreditam  
Na varinha e no pó mágico*

*Vocês pensam que é mentira  
 Então nós vamos transformá-los  
 Agorinha, adivinha numa bichinha  
 Bem burrinha, vocês vão virar  
 Um galinheiro de galinhas  
 Vira galinha, vira galinha  
 Você virou, você virou uma galinha  
 Pula galinha, dança galinha  
 Você virou, você virou uma galinha  
 Virou, virou uma galinha*

### **Pipoca (Palavra Cantada)**

*Pega-pega, pipoca, pipoca, pipoca  
 Pique-pique, pipoca, pipoca, pipoca  
 Banguê-banguê, pipoca, pipoca, pipoca  
 Pouco a pouco, pipoca, pipoca, pipoca  
 Corpo a corpo, pipoca, pipoca, pipoca  
 Corre-corre, pipoca, pipoca, pipoca  
 Reco-reco, pipoca, pipoca, pipoca  
 Tico-tico, pipoca, pipoca, pipoca  
 Taco-taco, pipoca, pipoca, pipoca  
 Pata pata, pipoca, pipoca, pipoca  
 Boca a boca, pipoca, pipoca, pipoca  
 Oba-oba, pipoca, pipoca, pipoca  
 Trepá-trepá, pipoca, pipoca, pipoca  
 Puxa-puxa, pipoca, pipoca, pipoca  
 Pula-pula, pipoca, pipoca, pipoca  
 Esconde-esconde, pipoca, pipoca, pipoca  
 Ora- ora, pipoca, pipoca, pipoca  
 Dia a dia, pipoca, pipoca, pipoca  
 Passo a passo, pipoca, pipoca, pipoca  
 Cara a cara, pipoca, pipoca, pipoca  
 Pipoca, pipoca, pipoca...  
 Pega..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Pique..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Banguê..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Pouco a..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Corpo a..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Corre..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Reco..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Tico..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Taco..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Pata..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Boca..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Oba..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Trepá..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Puxa..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Pula..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Esconde..., pipoca, pipoca, pipoca*

*Ora..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Dia..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Passo a..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Cara..., pipoca, pipoca, pipoca  
 Pipoca, pipoca, pipoca...*

### **O Caramujo e A Saúva (Palavra Cantada)**

*Caramujo que mora em Ubatuba  
 Escreveu uma cartinha pra saúva  
 A saúva respondeu com um desenho  
 Caramujo coloriu com muito empenho*

*Caramujo que mora em Ubatuba  
 Escreveu uma cartinha pra saúva  
 E assim, continuaram sem parar  
 Desenhando e ouvindo tchá-tchá-tchá*

*Na segunda desenharam o gavião  
 Na terça um jacaré com seu bocão  
 Na quarta foi o polvo de oito patas  
 Na quinta um canguru com três gravatas  
 Na sexta dos marrecos barulhentos  
 No sábado dois touros rabugentos  
 Domingo foi a vez do chipanzé*

*Depois foi tudo igual de marcha ré  
 E pra poder faze de marcha ré  
 No domingo desenharam o chipanzé  
 No sábado dois touros rabugentos  
 Na sexta dos marrecos barulhentos  
 Na quinta um canguru com três gravatas  
 Na quarta foi o polvo de oito patas  
 Na terça um jacaré com seu bocão  
 Segunda eles pintaram o gavião*

*Caramujo que mora em Ubatuba  
 Escreveu uma cartinha pra saúva  
 A saúva respondeu com um desenho  
 Caramujo coloriu com muito empenho*

*Caramujo que mora em Ubatuba  
 Escreveu uma cartinha pra saúva  
 E assim, continuaram sem parar  
 Desenhando e ouvindo tchá-tchá-tchá*

### **Bolinha de sabão (Palavra Cantada)**

*Olha lá uma bolinha de sa X  
 E lá vem outra bolinha de sa X*

*Uma, duas, três são bolinhas X X X  
Eu adoro ver bolinhas de X sa X bão X*

### **Centopéia (Hélio Ziskind)**

*chum chup chup chup  
tir chup chup tir  
chum chup chup chup  
tir chup chup tir chum  
sem parar de bater o  
pé pé pé  
pé pé pé! hu!  
sem parar de bater o  
pé pé pé  
pé pé pé! hu!  
centopéia vai partir  
chum chup chup  
tir chup chup tir chum  
chum chup chup  
tir chup chup chup  
eu vou pelo caminho  
passo no tronquinho  
centopéia sentar  
tic tac passa o tempo  
eu quero descansar  
tic tac passa o tempo  
eu quero descansar  
tic tac descansei  
agora eu vou... levantar  
parará pa pa pa pa  
hu!  
centopéia vai assim sim sim  
siririm sim sim sim (4x)*

### **Desengonçada (Bia Bedran)**

*Vem dançar, vem requebrar  
Vem fazer o corpo se mexer  
Acordar  
É a mão direita, mão direita, mão  
Direita agora  
A mão direita, que eu acordar  
É a mão esquerda, a mão esquerda  
A mão esquerda agora  
As duas juntas que eu vou acordar  
É o ombro direito, é o ombro direito  
É o ombro que eu vou acordar  
É o ombro esquerdo, é o ombro  
Esquerdo  
Os dois juntos que eu vou acordar*

É o cotovelo direito, é o cotovelo  
 Direito  
 É o cotovelo que eu vou acordar  
 É o cotovelo esquerdo, é o cotovelo  
 Esquerdo  
 Os dois juntos que eu vou acordar  
 É o braço direito, é o braço direito  
 É o braço que eu vou acordar  
 É o braço esquerdo, é o braço  
 Esquerdo  
 Os dois juntos que eu vou acordar  
 É o joelho direito, é o joelho direito  
 É o joelho que eu vou acordar  
 É o joelho esquerdo, é o joelho  
 Esquerdo  
 Os dois juntos que eu vou acordar  
 É o pé direito, é o pé direito, é o  
 Pé direito agora  
 É o pé direito, que eu vou acordar  
 É o pé esquerdo, é o pé esquerdo  
 É o pé esquerdo agora  
 Os dois juntos que eu vou  
 Acordar  
 É a cabeça, os ombros, as mãos  
 Cotovelos e braços  
 Que eu vou acordar  
 A cintura, a barriga, o bumbum  
 Os joelhos  
 Tudo junto que eu vou acordar

## **2. COLETÂNEA DE MÚSICAS QUE FOI TRANSFORMADA EM UM LIVRO ENCADERNADO E ENVIADO ÀS CRIANÇAS E ÀS FAMÍLIAS**

### **Filho de sapo (Margareth Darezzi)**

O sapo também tem filho  
 Seu filho chama girino  
 O sapo também tem filho  
 Também tem filho  
 E chama girino  
 O sapo gosta da água  
 Girino nasce na água  
 O sapo também tem filho  
 Também tem filho  
 E chama girino

### **Vida de bicho (Margareth Darezzi)**

*Vida de bicho é mesmo muito boa*

*O pato nada alegre na lagoa  
 Passarinho voa livre pelo céu no ar  
 Baleia mergulha no mar  
 Cada um tem o seu lugar  
 Você na sua casa  
 Eu na minha casa  
 E o bicho no seu habitat  
 Na salva, no oceano  
 No deserto, na floresta  
 No rio, na geleira  
 Ou no pantanal  
 Bom mesmo é viver  
 Seguro e feliz  
 No seu habitat natural*

### **As pombinhas (Cancioneiro Popular)**

*Lá vai uma, lá vão duas  
 Três pombinhas a voar  
 Uma é minha, a outra é sua  
 A outra é de quem apanhar*

### **Maria fumaça (Cecília Cavaliéri França)**

*Pela estrada a fora vai o trem  
 Maria fumaça quer parar  
 Pois quer descansar  
 Olha ela está  
 Oh seu maquinista por favor*

### **O coqueiro da praia (Cecília Cavaliéri França)**

*O coqueiro da praia  
 Pode ao vento se curvar  
 Pega o coco menina  
 Não espera se quebrar  
 Pega o coco menina  
 Não espera se quebrar  
 O balanço das ondas  
 Pode aos poucos te embalar  
 Fecha os olhos menina  
 Deixa a onda te levar  
 Fecha os olhos menina  
 Deixa a onda te levar*

### **Escravos de Jó (Cancioneiro Popular)**

*Escravos de Jó*

*Jogavam o caxangá  
tira, põe, deixa ficar  
guerreiros com guerreiros  
Fazem zigue, zigue, zag  
Guerreiros com guerreiros  
Fazem zigue, zigue, zá*

### **Oiá (Palavra Cantada)**

*Sempre que um relâmpago se apaga  
Ouve-se o rugido do trovão  
Flash que incendeia a queda d'água  
Oiá, oiá, oiá, oiá, oiá  
Astro que atravessa a atmosfera  
Luz estroboscópica clarão  
Guizo de granizo sobre a terra  
Oiá...  
Estilhaça os vidros, varre o ar pra dentro de casa  
Espelho de prata, espada de latão  
Vira o tempo, anoitece o dia, joga o céu no chão  
Vento vendaval, redemoinho tufão  
Ela rasga a nuvem abre a fenda  
Dança na fúria do furacão  
Tira o véu do vento o céu desvenda  
Oiá...  
Pra nascer depois tudo de novo  
Água apaziguada sob o chão  
Fênix das cinzas faz seu ovo  
Oiá...  
Junta fogo e água sacudindo o teto de casa  
Cauda de cavalo e adorno de latão  
O amor de todas as mulheres no seu coração  
Chuva temporal borrasca inundação*

### **Yapo (Palavra Cantada)**

*Yapo, ia ia, e e e o  
Yapo, ia, ia, e e e  
Yapo, ia, ia Yapo  
E tuque, tuque  
Yapo e tuque, tuque, e e e*